

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA EM PORTO ALEGRE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

MARCELLA CRUZ WOCHNICKI

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA *REVISTA INFANTIL CACIQUE*:
um comparativo entre os anos de 1954 e 1963**

PORTO ALEGRE

2023

MARCELLA CRUZ WOCHNICKI

REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA *REVISTA INFANTIL CACIQUE*:

um comparativo entre os anos de 1954 e 1963

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa Dra Ana Maria Bueno Accorsi.

Co-orientadora: Profa Dra Fani Averbuh Tesseler.

PORTO ALEGRE

2023

MARCELLA CRUZ WOCHNICKI

REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA *REVISTA INFANTIL CACIQUE*:

um comparativo entre os anos de 1954 e 1963

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa Dra Ana Maria Bueno Accorsi.
Co-orientadora: Profa Dra Fani Averbuh Tesseler.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Prof.^a Dra Ana Maria Bueno Accorsi
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Co-orientadora: Prof.^a Dra Fani Averbuh Tesseler
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Prof.^a Dra Valquíria Pezzi Parode
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS

Ma. Daniella Vieira Magnus
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

PORTO ALEGRE

2023

Catálogo de publicação na fonte (CIP)

W837r Wochnicki, Marcella Cruz

Representações femininas na revista infantil Caciقة: um comparativo entre os anos de 1954 e 1963/ Marcella Cruz Wochnicki. – Porto Alegre: Uergs, 2023.

53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso Superior em Letras: Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa (Licenciatura), Porto Alegre, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Bueno Accorsi.

Coorientadora: Profa. Dra. Fani Averbuh Tesseler.

1. Discurso. 2. Representações Femininas. 3. Sexualidade e Gênero. 4. Trabalho de Conclusão de Curso. I. Accorsi, Ana Maria Bueno. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso Superior em Letras: Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa (Licenciatura), Porto Alegre, 2023. III. Título.

Bibliotecário Marcelo Bresolin CRB 10/2136

“História é tanto objeto de atenção analítica quanto um método de análise. Vista em conjunto desses dois ângulos, ela oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo através do qual gênero é produzido”
SCOTT (1994, p.13-14)

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente a minha mãe, por sempre acreditar em mim;

Aos amigos Alexandra Barros, Catarina John, Charles Souza, Luísa Pedroso, Nathalia Arce, Nicolas Lau e Priscila Freitas pela colaboração nos trabalhos e estágios, pelas risadas, por tornar a vida mais leve;

Às minhas orientadoras, Prof. Dr^a Ana Maria Bueno Accorsi e Prof. Dr^a Fani Averbuh Tesseler, pelo cuidado e direcionamento. Obrigada por compor, junto comigo, cada linha deste trabalho com paciência e companheirismo;

Aos meus professores da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Registro aqui meu agradecimento especial à Profa Dra Ana Carolina Martins da Silva, Profa Dra Magali de Moraes Menti e Prof. Me. Gilmar de Azevedo pelos conhecimentos adquiridos;

À esta instituição, a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul a qual me orgulho muito por fazer parte;

Por fim, dedico meus agradecimentos a todos que contribuíram para a finalização desse projeto.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Revista Infantil Cacique - Carta ao leitor.....	15
Ilustração 2 - Revista Infantil Cacique - Conversa com o Leitor.....	16
Ilustração 3 - Housekeeping Monthly - The Good Wife´s Guide.....	19
Ilustração 4 - Obra “As meninas”, de Diego Velázquez.....	23
Ilustração 5 - Revista Infantil Cacique - Capa n.º 1.....	32
Ilustração 6 - Revista Infantil Cacique - Capa n.º 2.....	32
Ilustração 7 - Revista Infantil Cacique - Capa n.º 3.....	33
Ilustração 8 - Revista Infantil Cacique - Aventuras de Piriri.....	34
Ilustração 9 - Revista Infantil Cacique - Aventuras de Piriri.....	35
Ilustração 10 - Revista Infantil Cacique - Povos e costumes.....	36
Ilustração 11 - Revista Infantil Cacique - Povos e costumes.....	37
Ilustração 12 - Revista Infantil Cacique - Pimpo valente.....	39
Ilustração 13 - Revista Infantil Cacique - Piá da Instância.....	42
Ilustração 14 - Revista Infantil Cacique - Piá da Instância.....	43
Ilustração 15 - Revista Infantil Cacique - AYESHA.....	46
Ilustração 16 - Revista Infantil Cacique - Grandes vultos da humanidade.....	50

RESUMO

Esta monografia tem como tema as representações femininas na *Revista Infantil Cacique*: um comparativo entre os anos de 1954 (início) e 1963 (término), uma vez que a reflexão sobre este tópico é importante para a compreensão dos elementos sociais e culturais que compõem o “ser feminino” e, assim, também poder contribuir para a erradicação de toda e qualquer violência de gênero. Analisou-se de que maneira as representações femininas são apresentadas nesta *Revista*. Para isso, foi realizado um percurso histórico do periódico enquanto ferramenta conectada com a história da educação. A imagem feminina nas décadas de 50 e 60 é analisada a partir de revistas femininas da época. Também discorre sobre a literatura infantil e a concepção de criança, além da importância da linguagem na construção social do gênero. Também observamos como as diferenças se constituem entre homens e mulheres, ou mulheres brancas e mulheres negras. Como processo metodológico, foi realizada a análise de textos e imagens da *Revista Cacique* em que se examina e se compreende o seu impacto social e cultural em leitores a partir das suas várias representações, como em vestimentas, comportamento, brincadeiras, sobre o que é ser menina, adolescente e mulher. Para a análise de dados, o *corpus* de análise constitui-se de cinco revistas publicadas em 1954 e uma em 1963, como observação sobre a representação do feminino, em sua permanência ou modificação. Como método científico, este estudo é de abordagem qualitativa e de tipo de pesquisa exploratória e bibliográfica; para a interpretação dos dados, foi feita a análise de conteúdo de linha francesa (BARDIN, 2016) e a análise do discurso (ORLANDI, 2012), também estas como aporte teórico. Como resultados, foi possível perceber que a *Revista Cacique*, enquanto instrumento para a aquisição de conhecimento, contribuiu para a construção social dos estereótipos de gênero, atribuindo características e atitudes diferentes esperadas para meninos e para meninas. Também, que o discurso sociocultural existente nas representações de figuras femininas são, geralmente, unidimensionais, evidenciando papéis de gênero e a construção de modelos de comportamento.

Palavras-chave: *Revista Infantil Cacique*; Sexualidade e Gênero; Discurso; Representações Femininas.

ABSTRACT

The present paper focuses on the female representations in the *Revista Infantil Cacique*: a comparison between the years of 1954 (beginning) and 1963 (end). We believe that the theme is important for the understanding of social and cultural elements that make up “being feminine” and, thus, also for being able to contribute for the eradication of any and all gender violence. It has been analyzed how female representations are produced in this children magazine. For this, a historical journey of the magazine was carried out as a tool to make a connection with the history of education and its development. It has been analyzed the female image in the 50's and 60's especially studying women representations in magazines of the time. It also discusses children's literature, historical conception of children and the importance of language in the social construction of gender. In addition, we observe how differences are constituted between men and women, or white women and black women. As a methodological process, it has been carried out the analysis in the texts and images of *Revista Cacique*, in which it has been examined and understood its social and cultural impact on readers from its various representations, such as clothing, behavior, games, about what means to be a girl, a teenager and a woman. For data analysis, the corpus consists of five magazines published in 1954 and one in 1963, as an observation on the representation of the feminine, in its permanence or modification. As a scientific method, this study has used a qualitative approach and exploratory and bibliographic research; for data interpretation, French line content analysis (BARDIN, 2016) and discourse analysis (ORLANDI, 2012) have been performed, also as a theoretical contribution. As a result, it was possible to perceive that *Revista Cacique*, as an instrument for the acquisition of knowledge, has contributed to the social construction of gender stereotypes, attributing expected different characteristics and attitudes for boys and girls. Also, that the existing sociocultural discourse in the representations of female figures are, generally, one-dimensional, stressing gender roles and the construction of behavior models.

Keywords: *Revista Infantil Cacique*; Sexuality and Gender; Discourse; Female Representations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A REVISTA CACIQUE	14
2.1 REVISTAS FEMININAS: A IMAGEM DA MULHER NA DÉCADA DE 50 E 60.....	17
3 A LITERATURA INFANTIL E A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA	22
3.1 A LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO.....	24
3.2 A REVISTA CACIQUE E O SEU CARÁTER PEDAGÓGICO E MORALIZANTE.....	27
4 GÊNERO, ESTEREÓTIPO E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA REVISTA CACIQUE	30
4.1 (RE)PENSANDO A REPRESENTAÇÃO FEMININA: UM COMPARATIVO ENTRE OS ANOS 1954 E 1963.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo presente estudo surgiu por meio da minha participação como pesquisadora e bolsista no projeto de pesquisa “Educação e formação de leitores na *Revista Cacique*: concepções, rastreamentos e endereçamentos”, coordenado pela profa. Dra. Ana Maria Bueno Accorsi e realizado durante parte de 2020 e início de 2021. O encaminhamento da pesquisa visava analisar as representações multiculturais, buscando compreender para quem se destinava a revista, veiculada entre os anos de 1954 e 1963, e os usos que o leitor poderia fazer destes textos. O trabalho também verificava o modo como esses leitores são pensados pelos editores e colaboradores desse periódico, nas suas posições de sujeitos.

Esse trajeto feito como bolsista de pesquisa não só aguçou minha curiosidade, como também veio a subsidiar a elaboração do presente projeto de conclusão do Curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, intitulado “Representações femininas na *Revista Infantil Cacique*: um comparativo entre os anos 1954 e 1963”. Essa investigação terá uma abordagem de cunho quantitativo e qualitativo sob o olhar da pesquisa bibliográfica. Para a interpretação de dados, o estudo faz uma análise de conteúdo (BARDIN, 2016) e análise do discurso (ORLANDI, 2012). É uma pesquisa desenvolvida a partir dos textos e imagens da *Cacique* buscando compreender o impacto social e cultural nos seus leitores, com ênfase nas representações femininas em relação ao gênero e aos seus estereótipos investigando permanências e mudanças nos anos de 1954 e 1963. A pesquisa também se torna comparativa ao levantar e aferir as diferenças sobre as representações femininas presentes na *Revista* e as concepções sobre essas mesmas representações contemporâneas aos anos analisados.

Parte-se do pressuposto de que nenhum discurso ou narrativa é neutro. Segundo Eni Orlandi (2005, p. 32) “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua.” Todos os discursos são produzidos a partir de determinada perspectiva que, inevitavelmente, está atrelada à posição dos sujeitos envolvidos no ato do discurso. E quem são esses sujeitos? Via de regra, o discurso parte de um sujeito social, cultural e intelectualmente hegemônico, que raramente é mulher. Como nenhum discurso ou narrativa é neutro, para as mulheres cabe o lugar de “O outro”, conforme Simone de Beauvoir, na obra *O segundo sexo* (BEAUVOIR, 1949). O “outro” é sempre colocado em segundo plano e é nessa relação de desigualdade entre homens e mulheres que o acesso aos

direitos das mulheres é negado e naturalizado. À vista disso, Beauvoir traz a reflexão sobre essa relação de desigualdade entre homens e mulheres:

O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decida que seja: daí dizer-se o “sexo” para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela: a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto: ela é o Outro. (BEAUVOIR, 2016 p. 12-13)

Como se sabe, ainda hoje, em 2023, milhares de mulheres têm seus direitos limitados enquanto sujeitos no Brasil e em vários lugares do mundo. Para que sejam consideradas “mulheres de verdade”, é preciso reproduzir modelos de feminilidade impostos desde o nascimento, ou até mesmo antes dele, visto que agora já é possível saber o sexo do feto. Tais modelos fazem parte da construção da representação social do gênero feminino. De acordo com Beauvoir (2016) a reprodução e a imposição desses modelos de comportamento limitam as mulheres às conquistas dos seus direitos políticos, sociais e humanos. Num periódico, produzido para a infância, na metade do século XX, como se encontram essas representações do feminino, nos artigos, ilustrações, narrativas e jogos? Esta é a grande questão.

Com isso em mente, o trabalho busca apontar alguns estereótipos de gênero, bem como identificar ideologias político socioculturais presentes nas representações do feminino da *Revista Infantil Cacique*, ao mesmo tempo em que faz um comparativo entre os números editados desse periódico entre 1954 e 1963, anos de início e fim da publicação da revista, com o foco na continuidade ou não dessas representações ao longo de uma década.

Para encaminhar a pesquisa, o capítulo 2 percorre a criação e o contexto histórico da *Revista Cacique*. Com o intuito de disseminar valores da época, a *Cacique* era mais do que uma simples revista para divertir o público, ela possuía valor moralizador e ditava condutas esperadas pelos leitores e leitoras num momento em que ocorriam diversas mudanças sociais e políticas no Brasil e no mundo. Há também uma breve análise da imagem feminina nas décadas de 50 e 60 a partir de revistas da época, com o intuito de reforçar o argumento.

No capítulo 3 se discute sobre o papel da literatura infanto-juvenil enquanto instrumento pedagógico e moralizante e a concepção de criança da época. Constituindo-se, através das suas narrativas, a *Cacique* produziu determinadas identidades e subjetividades por meio da criação de um sujeito “de bem”. A linguagem, nesse sentido, enquanto instrumento ideológico, também é trazida aqui pela sua importância na construção social do gênero.

No capítulo 4 temos as representações femininas na *Cacique* e o conceito de gênero. Buscou-se analisar as representações multiculturais em relação à sociedade, ao gênero e ideologias políticas nos textos e imagens no periódico entre os anos de 1954 e 1963. Foi possível, então, compreender o impacto social e cultural da *Revista Cacique* a partir das suas várias representações (vestimenta, comportamento, brincadeiras, entre outros) sobre o que é ser menina, adolescente e mulher. Esse capítulo também traz como outras figuras femininas, com o exemplo da cozinheira Felisberta - uma mulher negra - são representadas, uma vez que a raça também é atravessada pelos estereótipos de gênero. Por fim, realiza-se um comparativo entre os anos 1954 e 1963, a fim de discutir se essas representações se modificam ou permanecem iguais.

Pode-se adiantar que o discurso sociocultural existente nas representações de figuras femininas na *Revista Infantil Cacique* evidenciam papéis de gênero e a construção de modelos de comportamento esperados de meninos e de meninas. Enquanto meninos são descritos como atrevidos e aventureiros, prontos para transgredir regras em detrimento de uma boa brincadeira, meninas são relegadas a espaços do lar, destinadas à domesticação e objetificação de seus corpos, apenas observadoras das aventuras dos meninos. Nesse sentido, trago novamente Beauvoir (2016, p.36) que afirma ser “o princípio masculino força, atividade, movimento, vida.”

Não há como discutir as representações femininas e seus estereótipos sem que se considere os discursos pré-estabelecidos pela *Revista* que traz, a partir de suas narrativas, discursos que normalizam a desigualdade entre os gêneros no compartilhamento das tarefas domésticas e maternagem. À vista disso, Duran discorre que:

A nível coletivo, a decisão da mulher de não ser dona-de-casa (sic) seria tão revolucionária que destruiria a organização social que agora conhecemos. Para reforçar a situação, para manter as coisas tal como estão e afastar a ameaça de uma revolta, criou-se a doutrina da posição natural da mulher na família como dona-de-casa (...) A ocupação da dona-de-casa não é natural, mas histórica. No atual estágio da técnica só a maternidade é função naturalmente feminina, mas entre a gestação e o parto e as duzentas mil horas de trabalho doméstico que executa uma dona-de-casa ao longo de sua vida, não há nenhuma correspondência necessária, mas apenas circunstancial. (DURAN, 1983 p. 15)

Cuidar é uma capacidade humana, que pode ser exercida tanto por homens quanto por mulheres. Entretanto, é possível ver a naturalização desse comportamento apenas em mulheres - as profissões de enfermagem e magistério, majoritariamente femininas demonstram este argumento. Logo, é importante refletir que esses discursos constroem identidades e modelos de comportamento desde muito cedo às meninas e aos meninos.

E por que apontar o conceito de gênero e seus estereótipos numa revista para o público infantil? Ora, porque sabe-se que os papéis do masculino e do feminino são construídos socialmente. Tais papéis começam a ser desenvolvidos, como mencionado, antes mesmo do nascimento, quando, por exemplo, se determina que meninas usam rosa e meninos usam azul no enxoval e na escolha das cores dos quartos dos bebês. A princípio, essa divisão parece inocente, mas é a partir do condicionamento dos papéis de gênero que crianças passam a compreender a si mesmas e aos outros, assim como demonstrar seus interesses e preferências ou aprender o modo como devem se comportar.

Isso pode ser visto ainda muito cedo: meninas recebem bonecas, panelinhas e kit de maquiagem para brincar, enquanto meninos recebem blocos de construção, carrinhos e ferramentas. Enquanto uma é incentivada a enfatizar seus atributos físicos ou ao cuidado do lar, o outro é incentivado a um conjunto de interesses e a desenvolver habilidades - como o conhecimento espacial, por exemplo. Isso acaba por produzir uma cultura de meninos que se comportam de acordo com traços pré-definidos sobre como figuras masculinas devem se portar, e o mesmo vale para as meninas: sentem-se condicionadas a se comportar com traços “tipicamente” femininos ligados à maternagem e ao papel de esposa. Nesse sentido, Finco afirma que:

As normas sociais prescrevem posturas, comportamentos, atitudes diferenciadas para homens e mulheres. Desde a infância, tais atitudes são enraizadas através dos relacionamentos na família, na escola, construindo assim valores, nem sempre explícitos, mas que sutilmente determinam nossos comportamentos. (FINCO, 2004 p. 1)

Esta postura tende a ser continuada repetidamente na sociedade por conta de estereótipos de gênero que são reforçados pela própria sociedade. Uma vez que a construção do indivíduo também é influenciada pelo meio que o rodeia, a *Cacique*, enquanto instrumento que vai muito além de apenas entretenimento, por meio de seus discursos, contribuiu para a elaboração da identidade e subjetividade de seus leitores que é, inevitavelmente, atravessada pelos estereótipos de gênero. Sendo assim, é importante enfatizar, ainda, que as pesquisas no campo do feminismo auxiliam e são necessárias, pois possibilitam identificar a raiz de muitos problemas sociais e, com seus resultados, propõem reflexões e debates que podem mobilizar no sentido de promover mudanças para a construção e estabelecimento de uma sociedade mais igualitária entre homens e mulheres que pode começar na infância, especialmente em nosso país.

2 A REVISTA CACIQUE

A *Revista Infantil Cacique* foi publicada no Estado do Rio Grande do Sul, entre 1954 a 1963, pelo Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais - CPOE/RS, da Secretaria de Educação e Cultura - SEC/RS (1943 - 1971). Como uma produção de uma Secretaria de Educação do Estado, representa a voz da instituição e, por consequência, do Estado.

Em meados do século XX, o mundo encontra-se em um momento de muitas novidades: transfigurações por meio de revoluções de comportamento, concepções modernas dialogando com conceitos do passado, conflitos políticos, econômicos e socioculturais. De um lado, políticas e ideologias, insensíveis a todo um contexto mundial de injustiça e exploração e, do outro, a luta por melhores condições de vida e de soluções para a expansão/democratização do ensino em busca de autonomia, emancipação com uma intenção modelar à cidadania. As questões educacionais, antes mesmo desse século, já vinham com tendências, difundindo uma dicotomia e contrações que, até hoje, se misturam com os interesses políticos e econômicos.

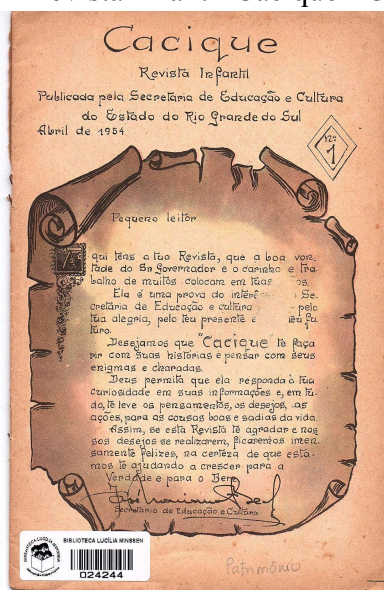
No Brasil, entre os anos de 1945 e 1964, com a queda do regime Vargas, os movimentos em prol da educação brasileira manifestaram-se com mais força retomando as reivindicações para um ensino público laico, sem privilégios à minoria, mais condições qualitativas e quantitativas de acesso à educação. Uma luta que vem até antes da Era Vargas, com intenções da “Escola Nova”, da educação para liberdade, autogestão do educando e construção de uma sociedade democrática, isto é, período, capitaneado por Anísio Teixeira, de reformulação da escola e do ensino que visam fortalecer a base para uma mudança significativa nas concepções educacionais brasileira. Anísio Teixeira argumenta que:

A educação de um povo somente em parte se faz pelas suas escolas. Compreendida como um processo de transmissão da cultura, ela se opera pela vida mesma das populações e, mais especificamente, pela família, pela classe social e pela religião. A escola, como instituição voluntária e intencional, acrescenta-se a essas outras instituições fundamentais de transmissão de cultura, em processo natural de transmissão, e, nas sociedades modernas de hoje, para habilitar o jovem à vida cívica e de trabalho, em uma comunidade altamente complexa e de meios de vida crescentemente especializados. (TEIXEIRA, 2011 p. 151)

É neste contexto que a *Cacique* é publicada. Responde à necessidade de transmissão de cultura e tenta penetrar as famílias - por meio de assinaturas individuais - e as escolas públicas - por meio de ampla distribuição.

Em abril de 1954, sai o primeiro número da *Revista*. Em sua primeira página encontra-se uma carta de apresentação e boas-vindas aos leitores, escrita pelo Secretário de Educação e Cultura daquele ano, José Mariano de Freitas Beck. Endereçada ao seu público-leitor, a carta expressa a intenção dos seus fundadores ao criar e distribuir a *Revista* a seus leitores, bem como a preservação dos valores considerados importantes naquele contexto histórico sócio-cultural. A Carta do Secretário continha a seguinte mensagem¹:

Ilustração 1 - Revista Infantil Cacique - Carta ao leitor



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Como se vê, em sua mensagem de boas-vindas, o Secretário expressa o desejo de que a revista tenha o objetivo não só de divertir, mas também de educar a infância por meio do pensamento e da formação “para as coisas boas da vida”: O que seriam, então, essas “coisas”? O que seria crescer para a Verdade e o Bem? Práticas cristãs, valor à família e aos costumes, sentimento cívico e o amor à pátria seriam alguns comportamentos incentivados pela *Cacique*.

Ao conhecermos o conteúdo da *Revista*, identificamos a necessidade de expressar e construir nas imagens e nos discursos um ideal de infância. Além disso, a *Revista Cacique* personificava crianças e jovens adolescentes realizando determinadas ações ou funções para a

¹ Aqui tens a tua Revista, que a boa vontade do Sr. Governador e o carinho e trabalho de muitos colocam em tuas mãos. Ela é uma prova do interesse da Secretaria da educação e Cultura pela tua alegria e pelo teu presente e pelo teu futuro. Desejamos que CACIQUE te faça rir com suas histórias e pensar com seus enigmas e charadas. Deus permita que ela responda à tua curiosidade em suas informações e, em tudo, te leve os pensamentos, os desejos, as ações, para as coisas boas e sadias da vida. Assim, se esta Revista te agradar e nossos desejos se realizarem, ficaremos imensamente felizes, na certeza que estamos te ajudando a crescer para a Verdade e para o Bem. (CACIQUE, nº 1, abr. 1954)

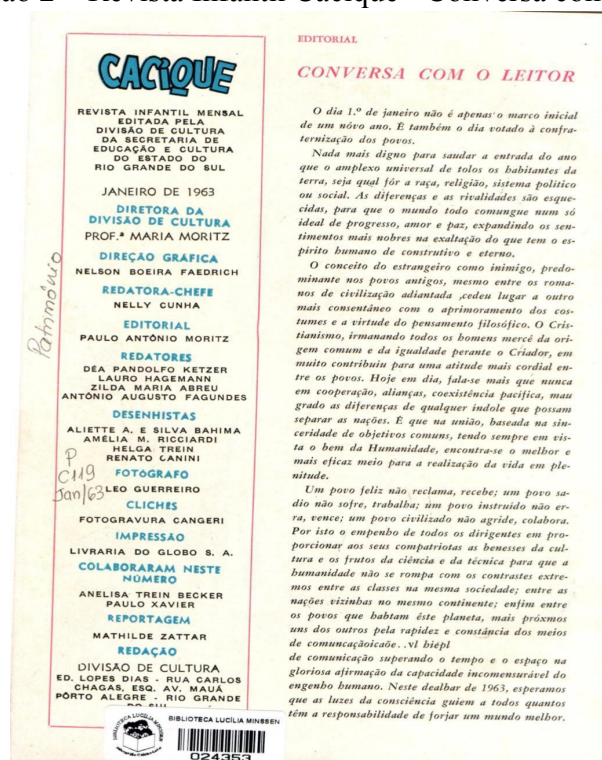
criação de um sujeito de “bem”: que seja patriota, que seja adepto às tradições religiosas (cristãs), que seja obediente ou que plante árvores, por exemplo. Ao mesmo tempo, era um canal de entretenimento, conforme exemplifica a carta de um leitor ao editor:

Isto que é revista (...) boa apresentação, boa forma, boas histórias. Quanto mais leio *Cacique*, mais encantado fico pela vida. Um dia... um dia também hei de figurar na revista. Vou contar às outras crianças tudo quanto se passa comigo, para que sintam o gosto pela vida como eu sinto. (CACIQUE, n.º 24, 1956)

Já em sua última edição, janeiro de 1963, a *Cacique* traz em editorial uma “Conversa com o leitor”, um texto aos assinantes, no mesmo estilo da primeira carta, no ano de 1954. Dessa vez, como editorial, passa a ser a voz do governo chegando até as escolas e às famílias. No penúltimo parágrafo, expressa a ideologia vigente:

Um povo feliz não reclama, recebe; um povo sadio não sofre, trabalha; um povo instruído não erra, vence; um povo civilizado não agride, colabora. Por isso o empenho de todos os dirigentes em proporcionar aos seus compatriotas as benesses da cultura e os frutos da ciência e da técnica para que a humanidade não se rompa com os contrastes extremos entre as classes na mesma sociedade. (CACIQUE, n.º 119, 1963 p. 1)

Ilustração 2 – Revista Infantil Cacique - Conversa com o Leitor



FONTE: Revista Infantil Cacique (1963)

Inicialmente, suas publicações eram mensais, mas, a partir de dezembro de 1956 (número 33) passou a ser quinzenal, totalizando, assim, 106 números de abril de 1954 a dezembro de 1956 (mais de cinco anos), configurando como a primeira fase - e também a mais produtiva da Revista.

Embora tenham ocorrido mudanças quanto aos desenhistas da capa da *Cacique*, o formato seguiu o mesmo: número de páginas (normalmente 32 páginas, mas chegou a apresentar apenas 28); tamanho A5 e layout. Com relação à equipe editorial, podemos observar certa permanência no quadro de trabalhadores ao longo de dez anos de publicação, contando com a presença de diversas mulheres no quadro.

Possuía um conteúdo bastante diversificado: histórias infantis, charadas, histórias em quadrinho, concursos, desenhos para usar de molde, informações históricas e geopolíticas e conteúdo em geral. Pode-se também inferir que as autoridades educacionais decidiram criar a *Revista Cacique* pensando no público infantojuvenil com o intuito de formar leitores, buscando padronizar um modelo de comportamento e a prescrição de valores, numa época em que não havia muito material literário voltado à criança, a não ser os livros de Monteiro Lobato, traduções de obras estrangeiras que passam a ser estendidas ao público infantojuvenil, como, por exemplo, *A ilha do tesouro*, *Robin Hood*, *Robinson Crusóé*, entre outras, e as revistas em quadrinhos como *Bolinha* e *Luluzinha*, ou super heróis - essas últimas, consideradas nefastas à formação das crianças, por estimular a delinquência juvenil e a destruição dos valores sociais. A partir dos anos de 1960, entretanto, os artistas nacionais acabaram por conquistar mais notoriedade com Ziraldo Alves Pinto lançando *Pererê* e Maurício de Souza estreando *A Turma da Mônica*.

2.1 REVISTAS FEMININAS: A IMAGEM DA MULHER NA DÉCADA DE 50 e 60

Quando se busca compreender o papel da mulher na sociedade, é preciso voltar o olhar para a sua existência social, dando prioridade à formação do sujeito e das classes sociais. Por muito tempo, as mulheres, nas mais diferentes realidades políticas, históricas, sociais e, até familiares, se vêem privadas do espaço público, destinadas a uma posição que as delega um espaço em que não têm controle de suas próprias vidas.

Simone de Beauvoir explica que, por muito tempo, uma categoria conseguia dominar a outra. Muitas vezes, essa dominação se dava através de uma desigualdade numérica: a maioria decidia o destino da minoria. Para a filósofa, a opressão das mulheres difere da opressão exercida pelos brancos aos negros dos Estados Unidos, por exemplo, visto que, diferente dos

negros e brancos dos EUA, há igualdade numérica entre homens e mulheres. Para Beauvoir (2016, p.15-16) “a luta das mulheres não passou de apenas uma agitação simbólica: só ganharam o que os homens concordaram em lhes conceder; elas nada tomaram; elas receberam.”:

Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo habitat, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens - pai ou marido - mais estreitamente do que a outras mulheres. Burguesas são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres negras. O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro. A divisão dos sexos é, com efeito, um dado biológico, e não um momento da história humana. É no seio de um misto original que sua oposição se formou e ela não a destruiu. O casal é uma unidade fundamental cujas metades se acham presas indissoluvelmente uma à outra: nenhum corte por sexos é possível na sociedade. Isso é o que caracteriza fundamentalmente a mulher: ela é o Outro dentro de uma totalidade cujos dois termos são necessários um ao outro. (BEAUVOIR, 2016 p. 16)

Os primeiros movimentos em prol das mulheres, que mais tarde iriam guiar o que conhecemos hoje como os seus direitos, iniciou somente depois da idade moderna, após a revolução industrial (1760 – 1840). Mas foi somente na década de 1960, durante a chamada “Segunda Onda Feminista” com as mulheres se organizando e reivindicando seus direitos, que tiveram um significativo ponto de grandes mudanças para a sociedade contemporânea. A segunda onda é marcada pelo desejo de emancipação feminina em relação ao patriarcado. Algumas das pautas levantadas durante o movimento foram: direitos à contracepção, ao planejamento familiar e ao aborto.

O papel feminino, estabelecido até as décadas de 50 e 60, era de esposa, mãe ou dona de casa. Desde a antiguidade até à idade média, no ocidente, os casamentos eram arranjos sem o conhecimento, ou o consentimento feminino: o amor não era consagrado, mas sim um contrato firmado entre as famílias.

A transmissão da cultura se deu de várias formas: por meio das tradições, ou das crenças, por exemplo. No mundo contemporâneo, a transmissão da cultura vem sendo transmitida principalmente por meio de tecnologias de informação.

No Brasil, na década de 50 e 60, as propagandas nas revistas femininas causavam grande influência na cultura capitalista ocidental. O ideal de felicidade por meio do casamento, embora em outro formato, seguiu propagado através de um conjunto de normas sociais. A imprensa feminina contribuiu e reforçou um modelo dominante de família tradicional: as mulheres nos papéis femininos convencionais; como mães, esposas e donas de casa; já aos homens, coube os papéis masculinos de “chefes de família”: provedores e

autoridades no seio familiar. Nesse sentido, trago Carla Bassanezi Pinsky que descreve os papéis sociais da mulher e do homem nos Anos Dourados:

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história e sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas da feminilidade, enquanto iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que as outras pessoas fossem felizes. (PINSKY, 2015 p. 609-610)

Na década de 50, a revista americana *Housekeeping Monthly* publicou um artigo chamado “The Good Wife’s Guide”, que traduzido para o português se chama “O guia da boa esposa” que descrevia e ditava como uma mulher deveria se comportar para se tornar uma boa esposa e boa mãe. Dentre algumas dessas condutas, estavam: cozinhar o jantar, ser amável com o marido, tirar os seus sapatos, recebê-lo sempre com um sorriso, não reclamar, organizar a casa e cuidar das crianças.

Ilustração 3 - The Good Wife’s Guide



FONTE: Housekeeping Monthly (1955)

Dentre as várias revistas da época voltadas para o público feminino no Brasil, O *Jornal das Moças* é um exemplo de tecnologia de informação da época que também reforçava esse modelo de família tradicional, fortalecendo os discursos dominantes presentes na cultura ocidental. Com o subtítulo “A revista de maior penetração no lar”, O *Jornal das Moças* foi um periódico produzido no Rio de Janeiro durante os anos de 1918 até 1968. Distribuído para todo o Brasil, ele trazia informações sobre moda, culinária, beleza e comportamentos para o público feminino de classe média - uma vez que era pago, poucas mulheres na época tinham

condições financeiras de adquiri-lo. Além do mais, grande parte da população era analfabeta, o que acabava por dificultar ainda mais o acesso à essa publicação.

Por meio dos seus discursos, naquela época, as revistas femininas construíam e formavam opiniões e subjetividades. Através da sua grande influência, agiam sobre as mulheres de diversas maneiras, mostrando-lhes como cuidar da pele e até mesmo qual eletrodoméstico adquirir. Sendo muito mais do que um mero meio de entretenimento, o *Jornal* ditava condutas de comportamento esperados pelas mulheres: cuidados domésticos, cuidados com a aparência, além das maneiras de ser uma boa mãe e esposa.

Nesse sentido, trago Naomi Wolf que é uma escritora, jornalista e consultora política estadunidense. Em 1991, seu livro denominado *O mito da beleza* lançado nos Estados Unidos e relançado no Brasil em 2018, foi considerado um marco sobre debates feministas. Tratando sobre as pressões estéticas às quais as mulheres estavam sujeitas, Naomi traz como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres na sociedade contemporânea e a relação das mulheres com as revistas femininas:

A voz da revista proporciona às mulheres uma autoridade invisível a ser admirada e obedecida, paralela à relação entre padrinho e protegido que muitos homens são incentivados a desenvolver tanto na educação quanto no emprego, mas que as mulheres raramente encontram em qualquer lugar a não ser nas páginas dessas revistas. A voz estimula essa confiança. Ela desenvolveu um tom de aliança para com a leitora de estar a seu lado com conhecimento e recursos superiores, como um serviço de assistência geral gerido por mulheres (...). Eles fazem com que ela pareça ser um misto de família ampliada, órgão da previdência social, partido político e associação profissional. Eles fazem com que a revista pareça ser um grupo de pressão que no fundo luta pelos interesses da leitora. “Uma revista”, diz um editor, “é como um clube. Sua função é proporcionar às leitoras uma agradável sensação de pertencer a uma comunidade bem como de ter orgulho de sua identidade.” (WOLF, 2020 p. 114)

Ela pergunta então o porquê de as mulheres se importarem tanto com o que as revistas mostram e dizem. Segundo a autora, as revistas representam a cultura de massa da qual as mulheres são orientadas a seguir:

Elas se importam porque, apesar de as revistas serem banalizadas, elas representam algo muito importante: a cultura de massa. Uma revista feminina não é simplesmente uma revista. O relacionamento entre a leitora e a revista é tão diferente daquele de um leitor com a dele que eles não pertencem à mesma categoria. Ao ler a *Popular Mechanics* ou *Newsweek*, um homem está folheando apenas uma perspectiva dentre inúmeras outras da cultura geral de orientação masculina, uma mulher está segurando nas mãos a cultura de massa orientada para a mulher. (WOLF, 2020 p. 108)

Wolf afirma que, se as revistas fossem apenas um meio de diversão, não surgiram sentimentos violentos em suas leitoras:

As revistas femininas não provocariam sentimentos tão violentos se fossem simplesmente uma diversão escapista. Contudo, com a inexistência de um jornalismo de interesse geral que trate os temas femininos com a seriedade mínima que eles merecem, as revistas femininas assumem uma carga de importância - e de responsabilidade - que, se não fosse assim, estaria distribuída entre mais da metade dos periódicos “sérios” do mercado. (WOLF, 2020 p. 112)

As revistas, enquanto instrumentos ligados à sociedade e à cultura, influenciam e constroem modelos de comportamento e identidades. Observou-se que a *Cacique* configura como mais um exemplo de revista que não vai contra o modelo tradicional de família vistos em *O Jornal das Moças* ou *Housekeeping Monthly*: na verdade, ela reforça esse mesmo modelo. Construindo o papel que as mulheres devem ocupar na sociedade, a *Cacique* e as revistas citadas têm grande importância social, pois refletem uma sociedade conservadora.

3 A LITERATURA INFANTIL E A CONCEPÇÃO DE CRIANÇA

A literatura infantil nem sempre foi como a conhecemos hoje, assim como a concepção do que é ser criança. Para refletir sobre literatura infantil é preciso refletir sobre o seu principal leitor: a criança. Quando falamos de infâncias é preciso considerar que os significados que damos a elas dependem do contexto em que estão inseridas. A concepção de criança é um conceito historicamente construído. Sendo assim, vem mudando ao longo do tempo.

O sentimento e preocupação pelas infâncias nem sempre esteve presente na sociedade ocidental. A mortalidade infantil, por exemplo, era vista, antigamente, como algo natural. A preocupação com uma educação pedagógica e especializada, além da inserção das crianças na sociedade são concepções do mundo contemporâneo. Segundo Regina Zilberman:

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (ZILBERMAN, 1985 p. 13)

Antigamente, crianças eram tratadas como “mini adultos” dentro da organização social a qual participavam: não eram diferenciadas em relação aos adultos, e isso podia ser visto por meio de suas vestimentas ou de sua participação na sociedade. Um exemplo seria a pintura de *As meninas*, de Diego Velázquez. Produzida em 1656, a ideia de Velázquez não era refletir sobre a concepção de criança, uma vez que, na época, esse conceito não era estudado. Mas sim retratar os membros da família real da Corte do Rei Filipe IV, da Espanha. Na pintura, é possível perceber que crianças são representadas de forma semelhante aos adultos: tanto em suas vestimentas quanto nas proporções corporais:

Ilustração 4 - Obra “As meninas”, de Diego Velázquez



FONTE: BBC News Brasil (2019)

Foi somente no período pós-industrial que as crianças passa a ser vistas com particularidades e necessidades próprias da sua faixa etária. A partir dessa nova ótica, deixam de ser vistas e tratadas como adultos em miniatura. A família adquire um importante papel na construção e preocupação com as infâncias. Segundo Ariés:

Trata-se de um sentimento inteiramente novo: os pais se interessavam pelos estudos dos seus filhos e os acompanhavam com solicitude habitual nos séculos XIX e XX, mas outrora desconhecida. (...) A família começou a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela. (ARIÉS, 1981 p. 12)

A concepção de criança com necessidades próprias da sua faixa etária é um conceito contemporâneo. A partir de então, um conjunto de leis passam a proteger seus direitos. De acordo com a Declaração dos Direitos da Criança (1990): “A criança, em virtude da sua falta de maturidade física e mental, necessita de proteção e cuidados especiais, inclusive a devida proteção legal, tanto antes quanto após o seu nascimento”.

Mas, é preciso conceber que crianças também possuem conflitos, medos e incertezas por trazerem juntos de si a imagem alinhada à do adulto:

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende, ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais. (ZILBERMAN, 1985, p. 18)

É importante atentar para o fato de que as histórias para crianças são concebidas a partir da ótica dos adultos, já que quem escreve para a criança é o adulto. A literatura infantil, pré Monteiro Lobato, escrita especificamente para as crianças, no Brasil, foi concebida para educar, primeiramente, por meio de textos para ensinar alguma coisa: como escovar os dentes, por exemplo. Regina Zilberman destaca, acerca desta questão:

Os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo. E, até hoje, a literatura infantil permanece uma colônia da pedagogia, o que lhe causa grandes prejuízos: não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática: e a presença deste objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança. (ZILBERMAN, 1985 p. 13-14)

Sendo assim, ao falar de textos que ensinam algo para crianças, não se está falando de literatura infantil, e sim de leitura infantil. Foi somente em 1942, com Monteiro Lobato, que o Brasil experimentou a valorização de livros e de literatura para o público infantil, através do universo das personagens da obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

Nesse sentido, trago Cunha (1999) que afirma Monteiro Lobato como o precursor da verdadeira literatura infantil, e não da leitura infantil com seu caráter pedagógico, ao destinar obras para crianças. Dentro do mundo do faz de conta, Lobato criou um universo para crianças recheado de personagens que refletem o próprio Brasil, despertando, assim, o interesse e a curiosidade sobre muitos assuntos através do imaginário. Com o sucesso das obras deste autor, há um estímulo para que outras publicações possam assumir o objetivo de divertir, mas também educar. A literatura infantil passa, então, a conquistar importância e espaço, assim como a criança no meio social. A *Revista Infantil Cacique* surge também para sanar essa falta de material de leitura e entretenimento das crianças.

3.1 A LINGUAGEM NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO GÊNERO

As posições e condições das mulheres vêm sendo discutidas ao longo dos últimos anos. Embora a mulher tenha ingressado nos espaços públicos da sociedade, ainda é possível perceber a desigualdade em relação aos homens nesses espaços. A ideologia atual e dominante, através do seu discurso hegemônico, vem mantendo essa realidade. Nessa perspectiva, a linguagem tem papel fundamental, pois colabora para a manutenção das relações sociais e de poder. Todas as pessoas vivem dentro de sistemas culturais que, de certa

forma, regulam as práticas sociais. A linguagem é muito mais do que apenas um código necessário para a comunicação humana: é social e histórica. Para Bakhtin e Volóchinov:

A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. (BACKTIN; VOLÓCHINOV, 2006 p. 125)

Sendo assim, não é possível conceber a língua sem levar em conta aspectos sociais e ideológicos. Ela é um dos códigos que estruturam e compõem a cultura e a sociedade, determinando até mesmo quem tem e quem não tem valor. É preciso estar atento à língua, pois ela está presente no nosso cotidiano. À vista disso, trago Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, uma linguista brasileira pioneira na área da análise do discurso. A linguista afirma que é necessário problematizar o que ouvimos em diferentes manifestações da linguagem, uma vez que o discurso nunca é neutro:

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos a linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. (ORLANDI, 2012 p. 9)

A análise crítica do discurso tem em comum entre os estudiosos da área que a análise não se prende somente no funcionamento linguístico, e sim na relação entre o sujeito e esse mesmo funcionamento. Ou seja, na análise do discurso, o objeto analisado não se trata somente da língua, mas sim do que há no meio dela: as relações de poder, as construções ideológicas, etc. Nesse sentido, Orlandi traz M. Pêcheux para afirmar que discurso e sujeito estão interligados:

Como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido. Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos. (ORLANDI, 2012 p. 17)

A análise do discurso se relaciona com o conceito de gênero, visto que a linguagem é um código de construção social que se acha enviesada de valores, principalmente relacionados às relações de gênero. E, se as relações de gênero são um elemento importante na construção do discurso, é também um elemento constituinte da identidade das figuras presentes na

sociedade, tanto femininas quanto masculinas. A pensadora Judith Butler afirma que, para Foucault, os sistemas jurídicos formam sujeitos que estão condicionados a esses sistemas:

Foucault observa que os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequentemente passam a representar. As noções jurídicas de poder parecem regular a vida política em termos puramente negativos - isto é, por meio da delimitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção” dos indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante uma ação contingente e retratável de escolha. Porém, em virtude de a elas estarem condicionados, os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências delas. (BUTLER, 2017 p. 18-19)

Nós somos constituídos através da relação com o outro. O ser humano se constitui pelas palavras, pelas relações e pelos discursos com o outro. Entretanto, existe uma distinção entre masculino e feminino. E é essa distinção que está inserida num contexto histórico e ideológico, tendo a linguagem como um dos elementos principais, pois tudo que é dito atravessa o sujeito. Para Orlandi, a distinção entre masculino e feminino é praticada socialmente em diversas situações, inclusive para distinguir lugares:

Dessa maneira, o texto não é definido pela sua extensão: ele pode ter desde uma só letra até muitas frases, enunciados, páginas etc. Uma letra “O”, escrita em uma porta, ao lado de outra com a letra “A”, indicando-nos os banheiros masculino e feminino, é um texto pois é uma unidade de sentido naquela situação. E isso refere, em nossa memória, o fato de que em nossa sociedade, em nossa história, a distinção masculino/feminino é significativa e é praticada socialmente até para distinguir lugares próprios (e impróprios...) (ORLANDI, 2012 p. 69)

São certos discursos, como os presentes na *Cacique* - tanto os velados quanto os mais visíveis, que garantem a manutenção da dominação masculina e a sociedade patriarcal. São eles que determinam que figuras femininas devem estar atreladas aos cuidados domésticos enquanto figuras masculinas possam estar atreladas à mais diversa gama de ações. São eles que determinam o que mulheres podem, ou não podem, fazer na sociedade.

Durante a análise da *Cacique*, podemos perceber um processo contínuo de reprodução de estereótipos de gênero, cujo discurso determinava a construção do que se esperava que uma figura feminina fosse, ou agisse, ou pensasse. Esse discurso de socialização perpetuou, nas revistas analisadas, qual espaço esses corpos podem ocupar - ou quais espaços eles não poderiam ocupar. Segundo Orlandi (2012, p. 82) “De todo modo, sabe-se por aí que, ao longo do dizer, há todo uma margem de não ditos que também significam.”

Sendo assim, a escolha do discurso nunca é por acaso. A linguagem é impregnada de interesses políticos. Há uma gama de convenções sociais, como culturais e políticas

desfavoráveis às mulheres. Figuras femininas poderiam ter sido descritas como corajosas tanto quanto os homens. Poderiam ter aparecido ocupando espaços significativos, assim como figuras masculinas, mas não foram. Isto está relacionado aos discursos da sociedade também refletidos na *Cacique*. Para Orlandi (2012) é preciso analisar até mesmo o que não está sendo dito no discurso. “As relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhado as palavras. Daí que, na análise, devemos observar o que não está sendo dito, o que não pode ser dito, etc.” (ORLANDI, 2012, p. 83)

Os estereótipos de gênero e os modelos de comportamento podem ser percebidos em diversas histórias, brincadeiras e atividades presentes na *Cacique*, visto que grande parte das atividades domésticas, mais especificamente relacionadas à cozinha ou ao cuidado com os filhos, foi destinada às mulheres ao longo das revistas analisadas, principalmente no ano de 1954. Em contrapartida, figuras masculinas foram vistas exercendo as mais diversas ações: como o cuidado com os animais, escotismo, ou tomada de decisões. Esse discurso, perpetuado pela *Cacique*, é o reflexo da própria sociedade.

3.2 A REVISTA CACIQUE E O SEU CARÁTER PEDAGÓGICO E MORALIZANTE

Ao longo das suas mais de 100 edições, as histórias, brincadeiras, atividades, quadrinhos e até as capas da *Cacique*, com o seu caráter de divertir, mas também pedagógico, buscavam transmitir um conceito moralizador através da apresentação de modelos de comportamento e normas sociais.

"Palestra do Vovô Índio", uma seção inicial que aparece ao longo de 4 edições das 5 revistas analisadas da *Cacique* no ano de 1954, conta histórias para os escoteiros e a vida do Vovô Índio antes da colonização portuguesa.

Vovô índio, aqui, é retratado como alguém mais velho e mais sábio, o que acaba por tornar o seu discurso como algo automaticamente verdadeiro, visto que para todos, mas contemporaneamente, para os indígenas, pessoas com mais idade são vistas como detentoras de sabedoria e, portanto, poder.

Através de condutas sociais, como amor a Deus, Vovô Índio narra suas histórias para os escoteiros. Só que, ao invés de demonstrar sua própria sabedoria indígena, é um "Índio" colonizado e cristão: um sujeito religioso, adepto às práticas cristãs pois, segundo Vovô índio, “Dizer-se ateu é ser ignorante, bobo ou “prosa (...) Os queridos netinhos, que são espertos e

inteligentes, verificarão, imediatamente, que todos os escoteiros devem acreditar em Deus e cumprir seu dever para com Êle.” (CACIQUE, 1954, n.º 2, p.10)

Só que este "Deus", é o Deus cristão. Além do amor a Deus, o amor à pátria também é incentivado: “Todo brasileiro, qualquer que seja a idade, pode e deve servir o Brasil.”² (CACIQUE, 1954, n.º 4, p.6)

Esta frase demonstra que o "Vovô Índio" se considera primeiramente brasileiro, colocando sua identidade própria em segundo lugar. O amor à pátria e ao sentimento cívico também são comportamentos esperados e estimados. Qualidades masculinas como força e coragem são exaltadas: “Mas se o medo é grande, a coragem é maior.” (CACIQUE, 1954, n.º 2, p.22)

Vovô Índio, de modo idealizado e romantizado, ao longo de suas histórias, também narra a vinda dos portugueses, contando, mais uma vez, sob o ponto de vista do colonizado, sobre as missões jesuítas para catequizar os índios. Percebe-se, o quão alienada da realidade do conhecimento atual, são esses relatos. Isto reflete a maneira como essa mesma história aparece nos livros didáticos da época:

Estes bons homens, que se chamavam Padres Missionários, haviam abandonado a civilização e vieram viver no nosso meio, para nos ensinarem uma porção de coisas úteis e salvaram as nossas almas, fazendo-nos compreender que existe um Ser Supremo - Deus - infinitamente bom, sábio e poderoso.(CACIQUE, n.º2, mai. 1954 p.12)

Denominados de “netinhos”, grupos de crianças são representados ouvindo as histórias do Vovô. Embora figuras femininas sejam representadas nas ilustrações ao lado de figuras masculinas em Vovô Índio, somente os meninos podem ser escoteiros:

São meninos que, sob orientação de um chefe amigo, desejam alcançar a perfeição, dominar o egoísmo, exaltar a fé, ser nobres, leais e fortes (...) Quando vocês encontrarem êstes meninos de roupa cáqui, calças curtas, respeitem-nos, pois êles são escoteiros. (CACIQUE, n.º 1, abr. 1954)³

Condutas sociais não são esperadas somente em Palestra do Vovô índio, mas em grande parte das histórias da *Cacique*. “O menino do morro”, seção que aparece nas primeiras páginas da primeira revista da *Cacique* em 1954, conta como Machado de Assis, de origem pobre, consegue ascender socialmente através do trabalho: “De origem modesta, filho de pais

² Vale lembrar que à época desta primeira revista, fazia apenas 9 anos que a II Guerra Mundial havia acabado, e que os famosos "pracinhas" brasileiros voltaram para o Brasil como heróis.

³ Nas citações diretas das edições da *Revista Infantil Cacique*, preferiu-se deixar a ortografia original para melhor contextualizar o período e não alterar o texto.

muito pobres - o pai era pintor e a mãe lavadeira tornou-se, pelo trabalho, uma das maiores glórias das letras nacionais.” (CACIQUE, 1954, n° 1 p.1)

A lógica meritocrática de que é possível ascender socialmente por meio do esforço individual com muito trabalho ou estudo também aparece em outras ocasiões. “Alvorada de uma grande vida” conta a história de Osvaldo Cruz, chamado pela *Cacique* de “A maior glória da medicina”. Aqui, novamente, temos a história de alguém que prosperou socialmente através do trabalho:

“Fez seus primeiros estudos com os seus próprios pais que, além de sábios ensinamentos lhe souberam inculcar um grande amor á disciplina e ao trabalho, o respeito aos mais velhos e um incomparável amor ao Brasil, infundindo-lhe a integridade de caráter, a fortaleza de ânimo e o espírito de sacrifício que foram os traços predominantes de sua personalidade invulgar.” (CACIQUE, n.º 2 mai. 1954, p.8)

Do ponto de vista em relação aos Estudos Culturais, compartilho com Marisa V. Costa (2012) a concepção de que os meios de comunicação (e, nesse caso, as revistas também) não são apenas uma fonte de transmissão de informações, e sim de um lugar importante na veiculação de valores e representações que ajudam na construção de subjetividades e identidades. Nesse sentido, Costa (2012) indica que as revistas elaboram relatos que operam diretamente em nossas vidas, em nossas subjetividades e identidades, assim como em nossa visão de mundo.

Assim sendo, a *Cacique*, ao longo dos seus exemplares, constrói narrativas importantes. Esse conjunto de traços ou atitudes esperados entre meninos e meninas produz valores e modos de ser, exercendo, também, um valor pedagógico significativo na construção da identidade dos seus leitores e leitoras. Podemos perceber isso pela criação de um sujeito de “bem”: euro centrado, principalmente branco, que é patriota, que planta árvores e adepto às tradições cristãs.

4 GÊNERO, ESTEREÓTIPO E A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA REVISTA CACIQUE

O conceito de gênero foi criado na década de 1960 e se fortalece a partir dos anos de 1970 (FORREST, 2014). Esse conceito surge de movimentos feministas que reivindicavam por mudanças políticas e sociais. É a partir deste período que se começa a fazer a distinção entre sexo e gênero. Passou-se a entender o termo sexo relacionado à questão biológica do indivíduo e ao seu aparelho reprodutor. Já gênero é uma categorização de um grupo de seres a partir de características em comum, independente do sexo biológico. Essas concepções de gênero definem mais amplamente o que é masculino e o que é feminino na sociedade em relação a comportamentos, sentimentos ou opiniões.

Simone de Beauvoir foi uma escritora francesa, filósofa e ativista social. Nascida em 1908, Simone é um dos principais nomes quando se fala em segunda onda do feminismo. Ela modifica a forma como se pensava sobre gênero e sexo com o livro *O segundo sexo*, originalmente publicado na França em 1949, mas que aparece em tradução para o português só em meados dos anos de 1970.

Já nos anos 2000, na obra *Problemas de gênero*, Judith Butler faz reflexões e debates muito pertinentes à obra de Simone de Beauvoir:

Simone de Beauvoir escreveu, em *O segundo sexo*, que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A frase é curiosa, até mesmo um pouco absurda, pois como tornar-se mulher se não se é mulher desde o começo? E quem se torna mulher? Há algum ser humano que se torne de seu gênero em algum ponto do tempo? É justo supor que esse ser humano não tenha sido de seu gênero antes de “tornar-se” de seu gênero? Qual é o momento ou o mecanismo de construção do gênero? E talvez, mais pertinentemente, quando entra esse mecanismo no cenário cultural e transforma o sujeito humano num sujeito com características de gênero? (BUTLER, 2017 p. 193)

A partir das provocações de ambas as autoras, cabe perguntar: o que é ser mulher afinal? É a maneira como a pessoa se comporta? É a maneira como se veste? É a quantidade de maquiagem que usa? O que conecta todas as mulheres ao longo da história? São as imposições sociais que fazem com que aquela fêmea humana seja considerada socialmente mulher. A conclusão de Simone é que tudo é um fato social: as pessoas nascidas do sexo feminino são "adestradas" sobre o que é ser mulher a partir das regras que a sociedade determina para a representação da feminilidade e o mesmo ocorre para a representação da masculinidade.

Para a filósofa francesa, o gênero é um conjunto articulado da sociedade que elabora a categoria das mulheres determinando uma *performance* de acordo com o seu gênero. Butler explica o ponto de Beauvoir:

Beauvoir, é claro, só queria sugerir que a categoria das mulheres é uma realização cultural e variável, um conjunto de significados que são assumidos ou absorvidos dentro de um campo cultural, e que ninguém nasce com um gênero - o gênero é sempre adquirido. (BUTLER, 2017 p. 194)

Como se vê, tradicionalmente, o gênero foi considerado como sendo um tipo de papel com apenas duas características: feminino ou masculino. Hoje, enquanto sexo determina características biológicas, gênero implica em construções sociais nas relações entre esses dois polos. Essas relações, segundo Forrest (2014) são marcadas por relações de poder. Os estereótipos de gênero são mecanismos que normalmente aprisionam mulheres no ocidente, pois é a partir deles que a socialização feminina é criada e, principalmente, naturalizada. Ou seja: ser mulher não é um dado natural, mas sim um dado performático e socialmente constituído. O mesmo se dá com a naturalização da heterossexualidade por meio da heteronormatividade. Judith Butler afirma que:

Observa-se igualmente que a categoria sexual e a instituição naturalizada da heterossexualidade são construtos, fantasias ou “fetiches” socialmente instituídos e socialmente regulados, e não categorias naturais, mas políticas (categorias que provam que, nesses contextos, o recurso ao “natural” é sempre político). Conseqüentemente, o corpo dilacerado e as guerras travadas entre as mulheres são violências textuais, são a desconstrução dos construtos que desde sempre representam uma espécie de violência contra as possibilidades do corpo. (BUTLER, 2017 p. 219)

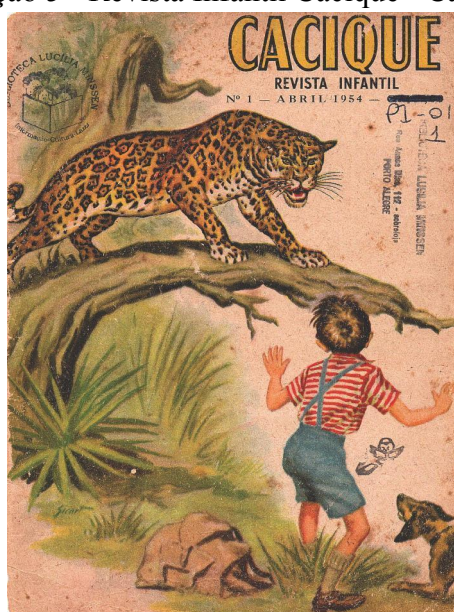
Todas essas questões são o resultado de, no mínimo, cinquenta anos de discussões e debates no sentido de buscar igualdade e equidade para a mulher e o grupo de indivíduos LGBTQIAPN⁴. Nosso objeto de análise, *Revista Cacique*, institucionalizada pela Secretaria da Educação e Cultura e base para a abrangência dos costumes e valores da década de 1950 e início de 1960, não entra neste debate sobre gênero, sexualidade e identidade, já que pretende reforçar somente costumes e valores, entre eles os do feminino e os do masculino.

Embora a *Cacique* não cite, necessariamente, sexo biológico e gênero, contribui para a construção social dos estereótipos de gênero, atribuindo características e atitudes diferentes esperadas para meninos e para meninas. É possível perceber essas características a partir da

⁴ LGBTQIAPN+ = Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transsexuais ou Travestis; Queer; Interssexuais; Assexuais; Panssexuais; Não-binários. O mais serve para abranger as demais pessoas da bandeira e a pluralidade de orientações sexuais e variações de gênero.

construção de figuras/imagens/desenhos de meninos que aparecem sempre se aventurando em atividades novas, enquanto as meninas são figuras/imagens/desenhos delicadas. Como se verá, embora sejam representadas ao lado de figuras masculinas, as figuras femininas estão sempre à parte: não brincam como os meninos, não se divertem como os meninos. Nas duas primeiras capas do periódico do ano de 1954, por exemplo, não há meninas. As imagens são de meninos em aventuras muito perigosas. Eles, por sua postura, demonstram coragem. Este fato é recorrente: onde há aventuras, não há meninas.

Ilustração 5 - Revista Infantil Cacique - Capa n.º 1



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Ilustração 6 - Revista Infantil Cacique - Capa n.º 2



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

A fragilidade feminina é possível atestar por meio da imagem a seguir: apesar de estar inserida no contexto da brincadeira, a menina, aqui, não está, de fato, brincando. Com os ouvidos tapados, parece estar desconfortável na brincadeira. Ela não é tão divertida como para o menino ao seu lado.

Ilustração 7 - Revista Infantil Cacique - Capa n.º 3



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Para Joan Scott, embora existam diferenças biológicas entre homens e mulheres, o que importa são as formas como se constituem os significados culturais que constituem as relações de poder dos homens sobre as mulheres. Sobre isso, Scott diz que:

Desse modo, gênero pode ser entendido como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres” (SCOTT, 1995)

“Aventuras de Piriri”, uma história/seção que aparece em todas as edições do ano de 1954, temos Piriri, um menino que é levado, como castigo, pelo seu pai, sozinho para uma ilha por ser muito travesso. A história tem só uma presença feminina, que é a mãe de Piriri. Seu papel é muito breve, emocionado e parte do mundo privado: a mãe de Piriri chora ao descobrir que o filho vai para uma ilha (sai para o mundo público) sem ninguém. Sua aparição se limita a isso: apenas chora, pois não tem direito algum de opinar em relação ao destino do filho. É o pai de Piriri que tem maior destaque: leva o filho até a ilha e lhe ensina como

sobreviver. Neste rito de passagem da infância para a adolescência de seu filho, é o homem quem detém o conhecimento e define o destino do filho.

E, ao filho, paciente, ensina
 A lidar com carabina,
 Pá, serrote - que é preciso
 Saber tudo e ter juízo
 Dá também explicações
 Sobre cobras, tigres, leões...
 Três semanas navegaram
 E a ilhota, afinal, chegaram
 (CACIQUE, nº 1, abr. 1954 p.7)

Ilustração 8 - Revista Infantil Cacique - Aventuras de Piriri



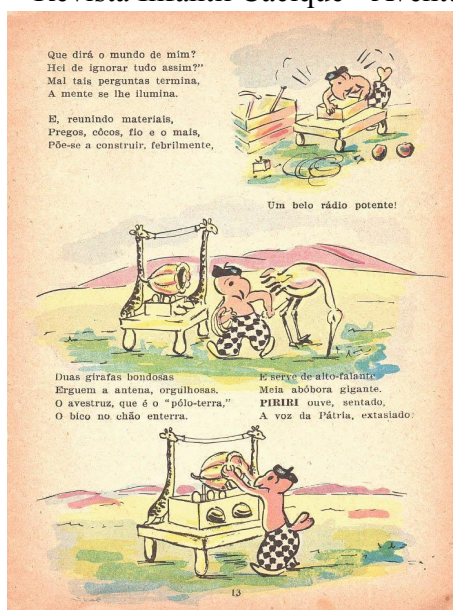
FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Ao chegarem à ilha, Piriri também chora, mas o pai não. Depois que o pai o abandona, na ilha, Piriri passa por muitas aventuras e, demonstrando a força do conhecimento da civilização, é capaz de lutar por sua sobrevivência e conforto e consegue construir um abrigo e uma cadeira de balanço. Após se aborrecer com a cadeira, conversa com um macaco, e pensando como um ser urbano civilizado, pede informações sobre onde encontrar um restaurante. O macaco então ensina Piriri sobre como sobreviver no mundo não civilizado: lhe atira diversos cocos, com os quais o garoto se alimenta. Após perceber que não terá nem receberá notícias sobre mundo e o mundo não saberá nada do que está acontecendo com ele, se põe a construir um aparelho de rádio:

-Que dirá o mundo de mim?
 Hei de ignorar tudo assim?
 Mal tais perguntas termina,

A mente se lhe ilumina
 E, reunindo materiais,
 Pregos, côcos, fio e o mais,
 Põe-se a construir, febrilmente
 Um belo rádio potente!
 Duas girafas bondosas
 Erguem a antena, orgulhosas.
 O avestruz, que é o “poló-terra,”
 O bico no chão enterra.
 E serve de alto-falante.
 Meia abóbora gigante.
 PIRIRI ouve, sentado,
 A voz da pátria, extasiado
 (CACIQUE, nº 1, abr. 1954 p.13)

Ilustração 9 - Revista Infantil Cacique - Aventuras de Piriri



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Após esse momento, encontra uma ossada e ainda constrói um barco para explorar a redondeza e ampliar seu mundo: agora civilização e recursos naturais se unem. É possível, mais uma vez, confirmar que meninos são descritos como curiosos, atrevidos, criativos e destemidos. Quebram regras ou não escutam avisos em prol de uma boa aventura. Mas, ao mesmo tempo, tem moral e valores ligados ao bem.

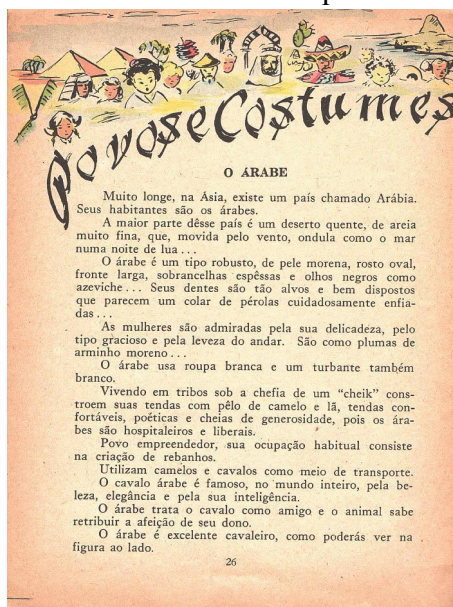
Na seção “Povos e costumes”, que aparece em todas as edições do ano de 1954, a *Cacique* nos apresenta um povo e seus principais costumes. Na edição de abril, o povo escolhido foi o Árabe.

De forma resumida e simplificada, a *Cacique*, nesta seção, traz as características do povo Árabe de maneira extremamente generalizada e estereotipada, sem respeitar e ignorando a individualidade de cada povo. Aqui, o estereótipo funciona como uma espécie de rótulo,

ditando como tais pessoas são. Há desumanização, visto que a complexidade desse grupo é apagada:

Muito longe, na Ásia, existe um país chamado Arábia. Seus habitantes são os árabes. A maior parte desse país é um deserto quente, de areia muito fina, que, movida pelo vento, ondula como o mar numa noite de lua... O árabe é um tipo robusto, de pele morena, rosto oval, fronte larga, sobrancelhas espessas e olhos negros como azeviche. Seus dentes são tão alvos e bem dispostos que parecem um colar de pérolas cuidadosamente enfiadas.. O árabe usa roupa branca e um turbante também branco. Vivendo em tribos sob a chefia de um "sheik" constroem suas tendas com pêlo de camelo e lã, tendas confortáveis, poéticas e cheias de generosidade, pois os árabes são hospitaleiros e liberais. Povo empreendedor, sua ocupação habitual consiste na criação de rebanhos. Utilizam camelos e cavalos como meio de transporte. O cavalo árabe é famoso, no mundo inteiro, pela leveza, elegância e pela sua inteligência. O árabe trata o cavalo como amigo e o animal sabe retribuir a afeição de seu dono. O árabe é excelente cavaleiro, como poderás ver na figura ao lado. (CACIQUE, nº 1, abr. 1954 p.26)

Ilustração 10 - Revista Infantil Cacique - Povos e costumes



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Em relação às figuras femininas, mulheres árabes, a *Cacique* se limita a descrevê-las somente como delicadas e graciosas, desumanizando-as como indivíduos com características e desejos múltiplos e diversos: “As mulheres são admiradas pela sua delicadeza, pelo tipo gracioso e pela leveza do andar. São como plumas de arminho moreno...” (CACIQUE, 1954, nº 1, p.26)

A terceira edição, publicada em julho de 1954 não é muito diferente, mas dessa vez o povo escolhido foi os espanhóis:

A Espanha é sempre pitoresca e bela, país romântico, cheio de vida e de cor. As casas têm pátios ensolarados, circundados por balcões e janelas com grades ou

gelosias. Os homens da Espanha são bravos, destemidos e temperamentais. Eles amam a música e muitos deles tocam guitarras. Os espanhóis nunca perdem uma oportunidade de celebrar uma festa. Suas danças são famosas por sua graça rápida e vivacidade. O principal esporte nacional é a tourada. Cada cidade tem uma grande arena, onde se localizam essas lutas. O quadro ao lado mostra um toureador ou toureiro espanhol. Seu traje é feito com seda brilhante e com ornamentos de ouro e prata. Ele desafia os touros com uma capa vermelha e, quando o touro avança, ele, rapidamente, pula para o lado, enquanto a multidão regozija em selvagem excitação. (CACIQUE, nº 3, jul. 1954 p.24)

Ilustração 11 - Revista Infantil Cacique - Povos e costumes



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Mais uma vez, as descrições das mulheres são limitantes: não se fala sobre seu temperamento, seus gostos, seus desejos. Muito pouco se sabe sobre elas. A descrição apenas serve para assinalar o seu modo de vestir: “As mulheres usam belíssimos xales coloridos e mantilhas rendadas.” (CACIQUE, 1954, nº 3, p.24)

Nas demais três revistas, temas de análise do trabalho, a seção "Povos e Costumes" se foca nos povos "Chinês" (n.2, 1954), "Peruano" (n.4, 1954) e "Esquimó" (n.5 1954). Apesar de mostrarem imagens de mulheres peruanas nos desenhos ilustrativos da edição de agosto de 1954, as mulheres não são mencionadas individualmente nos textos. Na edição de 1963, esta seção não existe mais.

Ao discutirmos sobre feminino e masculino, percebemos na *Cacique* que características como delicadeza, doçura e cuidado são associadas ao ser mulher, adolescente ou menina. Já ao ser homem, adolescente ou menino, podemos encontrar características como coragem, força e autoconfiança.

Cabe ressaltar que essas características não podem ser compreendidas de forma fixa, visto que existem múltiplas maneiras dos indivíduos se constituírem enquanto sujeitos. Judith Butler afirma que não é possível compreender a categoria das mulheres como algo permanente ou estável:

O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes. É significativa a quantidade de material ensaístico que não só questiona a viabilidade do “sujeito” como candidato último à representação, ou mesmo à libertação, como indica que é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui, ou deveria constituir, a categoria das mulheres. (BUTLER, 2017 p. 18)

“Pimpo”, seção que aparece em maio, junho e julho de 1954, conta as aventuras e traquinagens de Pimpo, um menino descrito como “um negrinho moleque, de cabelo encarapinhado, nariz achatado, que gosta muito de circo.” (CACIQUE, 1954, nº 2, p. 21) Em seu primeiro aparecimento, em maio de 1954, a *Cacique* traz Pimpo se aventurando no circo. Após gastar todo o dinheiro durante os dias em que o Circo está na cidade, Pimpo percebe que não terá dinheiro para a última e mais importante das atrações. É então que decide entrar pelo circo por meio de um buraco na lona, mas logo é descoberto. Um homem lhe faz uma proposta: que se fantasie de leão para os telespectadores. Ao entrar na jaula, Pimpo acha que há realmente um leão perto dele, mas, passado o susto, percebe que, na verdade, o leão é outro menino também fantasiado. A história traz uma lição de moral sobre trabalho e honestidade:

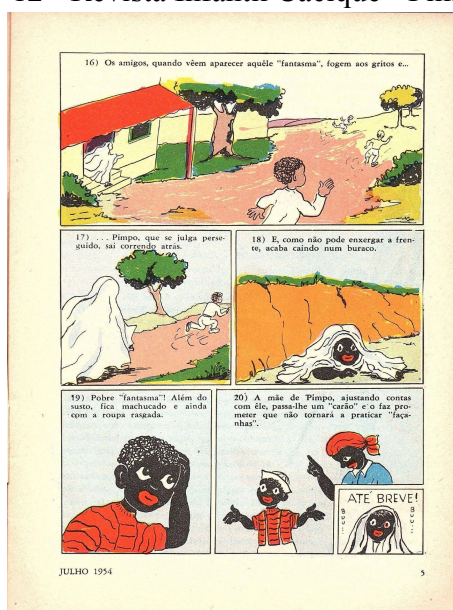
A lição foi de mestre!... Desta vez, Pimpo sofreu um bocado... mas aprendeu que é muito melhor trabalhar e economizar um dinheirinho para, quando chegar o “Circo”, vestir roupa de guri, comprar a entrada, sentar-se comodamente, ser telespectador que aplaude, do que esconder-se na pele de leão. (CACIQUE, nº 2, mai. 1954 p. 23)

As únicas presenças femininas são a mãe e madrinha de Pimpo, que aparecem em duas ocasiões: a primeira é na edição de junho de 1954. Aqui, a mãe de Pimpo prepara figos em calda e solicita que ele entregue para sua madrinha. No caminho, ele decide provar o doce com o galho de uma árvore. Acontece que, ao longo do caminho, Pimpo não consegue se conter e come todos os doces, entregando apenas o pote com calda para a madrinha. Ela, desconfiada, aceita o pote e depois comenta com a mãe de Pimpo, que adivinha a situação: “Mas como? E os figos? Ora, quem poderia explicar? Pimpo, é claro. E aí está no que deu a gulodice. Pimpo quase teve uma indigestão e passou vários dias de cama, tomando remédios.” (CACIQUE, 1954, nº 4, p.29)

Em seu último aparecimento, julho de 1954, das cinco revistas analisadas neste trabalho, a *Cacique* traz pela segunda vez uma figura feminina, desta vez apenas a mãe de Pimpo. Após mentir para os amigos sobre sua coragem, Nando, um dos amigos, decide que Pimpo prove se é realmente corajoso como diz ser: deve entrar sozinho em uma casa que, segundo boatos, é mal-assombrada. Inicialmente com medo, Pimpo aceita o desafio. Após averiguar o espaço e os utensílios da casa, ele decide se sentar, mas escorrega e um pano branco cai sobre seu corpo. Com medo, achando que alguém estava abraçando-o por trás, Pimpo sai correndo da casa e acaba assustando seus amigos, que acreditam estarem frente a frente com um fantasma. No caminho, sofre um acidente:

E como não pode enxergar a frente, acaba caindo num buraco. Pobre “fantasma”! Além do susto, fica machucado e ainda com a roupa rasgada. A mãe de Pimpo, ajustando contas com êle, passa-lhe um “carão” e o faz prometer que não tornará a praticar “façanhas.” (CACIQUE, nº 4. jun. 1954, p.5)

Ilustração 12 - Revista Infantil Cacique - Pimpo valente



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

As presenças femininas em Pimpo se resumem a mulheres realizando afazeres domésticos, como cozinhar, ou então no cuidado com ele, dando-lhe sermões. As principais construções presentes na *Cacique* é a representação de mulheres baseada na sua aparência, tendo como atividades principais sendo mães, esposas ou empregadas domésticas. As meninas e mulheres, em comparação aos meninos e homens, não têm diferença, pois ambos possuem semelhante força e intelecto. Entretanto, os discursos presentes na *Cacique*

evidenciam o contrário: temos comportamentos e representações diferentes esperados entre o sexo feminino e o sexo masculino, além da naturalização dessas diferenças.

Enfatiza-se, pois, que a construção da identidade feminina esteve quase sempre voltada para a sua aparência ou para o mundo doméstico. Tal modelo foi construído, ao longo das edições analisadas, como marcas essenciais e, principalmente, naturais, da constituição feminina. Essa realidade, presente nos discursos, naturaliza o cuidado e a maternagem, além de valorizar atributos físicos - o que não ocorre da mesma maneira com os homens.

O que vemos aqui é a naturalização da maternidade e das atividades domésticas como elementos que constituem, de forma inata, a identidade da mulher. O que nada mais são do que estereótipos de gênero. O serviço do lar, na *Cacique*, é exclusivamente feminino, reforçando a ideologia de que mulheres só podem ter dois destinos: o da maternidade ou o do cuidado do lar. Como se mulheres não pudessem desejar outra coisa além dessas duas possibilidades. Para Butler, se as identidades deixassem de ser fixas, uma nova condição social surgiria a partir da antiga:

A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada. Esse tipo de crítica põe em questão a estrutura fundante em que o feminismo, como política da identidade, vem se articulando. O paradoxo interno desse fundacionismo é que ele presume, fixa e restringe os próprios “sujeitos” que espera representar e libertar. A tarefa aqui não é celebrar toda e qualquer nova possibilidade como possibilidade, mas redescrever as possibilidades que já existem, mas que existem dentro de domínios culturais apontados como culturalmente ininteligíveis e impossíveis. Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de um conjunto de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga. As configurações culturais do sexo e do gênero poderiam então proliferar ou, melhor dizendo, sua proliferação atual poderia então tornar-se articulável nos discursos que criam a vida cultural inteligível, confundindo o próprio binarismo do sexo e denunciando sua não inaturalidade fundamental. Que outras estratégias locais para combater o “inatural” podem levar à desnaturalização do gênero como tal? (BUTLER, 2017 p. 256)

Atualmente, vivemos em uma sociedade capitalista que influencia constantemente nossos gostos e preferências, que guiam e fundamentam nosso comportamento e visão de mundo. Sendo assim, os nossos gostos e preferências não são criados de forma individual, mas sim gerados pela mídia a partir de crenças culturais. O linguista francês Patrick Charaudeau, desenvolve o conceito de imaginário discursivo ao afirmar que:

“Uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que

se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante.” (CHARAUDEAU, 2017, p.578)

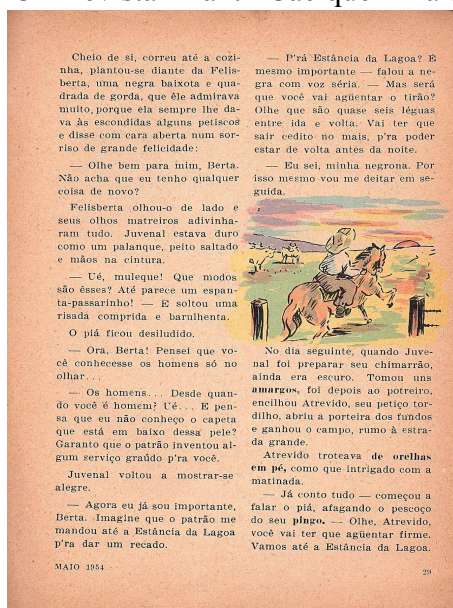
Nesse contexto, o que podemos compreender da mulher negra? A representação da mulher negra na literatura é um reflexo histórico do período escravocrata que se perpetua até os dias atuais. Estereotipada, sexualizada e servil, as representações das mulheres negras reproduzem discursos que foram construídos ao longo do tempo. Destinada a um espaço de opressão e silenciamento, sua posição sempre foi o da subserviência. Em vista disso, o Dossiê *Violência Contra as Mulheres* (2015) discorre sobre a imagem da mulher negra:

A reflexão sobre a imagem das mulheres também é uma parte importante do enfrentamento a estereótipos discriminatórios que autorizam violências. No caso específico das mulheres negras, no Brasil, esses estereótipos são agravados pela carga histórica escravagista de objetificação e subalternidade que reforçam mitos racistas como o da mulher negra hipersexualizada sempre disponível. (Instituto Patrícia Galvão, 2015, p. 5)

Em “Piá da Instância” há essa representação estereotipada da mulher negra. Aparecendo em quatro das cinco edições analisadas da *Revista Cacique*, publicadas em maio, junho, julho e agosto dos anos de 1954, “Piá da Instância” conta as aventuras de Juvenal, um menino branco que trabalha numa fazenda. Na edição de maio de 1954, Juvenal é convidado a entregar um recado. Ele sente-se feliz e considera-se um “homem”, pois essa fora a primeira tarefa importante que recebera:

Cheio de si, correu até a cozinha, plantou-se diante de Felisberta, uma negra baixota e quadrada de gorda, que ele admirava muito, porque ela sempre lhe dava às escondidas alguns petiscos e disse com a cara aberta num sorriso de grande felicidade: Olhe bem pra mim, Berta. Não acha que eu tenho qualquer coisa de novo?” (CACIQUE, nº 2, mai. 1954 p.29)

Ilustração 13 - Revista Infantil Cacique - Piá da Instância



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Mesmo "Piá da instância" sendo centrado sobre as aventuras de Juvenal, temos uma figura feminina, Felisberta, a cozinheira. Ainda que Felisberta seja considerada esperta por compreender, antes mesmo de Juvenal dizer, o que se passava, o menino a apresenta como alguém que possivelmente “conhecesse os homens só com o olhar” (CACIQUE, 1954, nº 2, p.29):

Felisberta olhou-o de lado e seus olhos mateiros adivinharam tudo. Juvenal estava duro como um palanque, peito saltado e mais na cintura.
 Ué, muleque. Que modos são esses? Até parece um espanta-passarinho! E soltou uma risada comprida e barulhenta.
 O piá ficou desiludido.
 Ora, Berta. Pensei que você conhecesse os homens só no olhar...
 Os homens... Desde quando você é homem? Ué, e pensa que não conheço o capeta que está embaixo dessa pele? Garanto que o patrão inventou algum serviço graúdo pra você. (CACIQUE, nº 2, mai. 1954 p.29)

A segunda aparição de Felisberta é ainda mais breve que a primeira e acontece na edição de junho de 1954. Há um curto diálogo após Juvenal voltar de várias aventuras com o patrão (como domar e laçar um potrinho). Após cair do animal em sua primeira tentativa de domá-lo, Juvenal vai contar suas aventuras para a cozinheira, dizendo que agora era "gaúcho macanudo" (CACIQUE, 1954 nº 3, p.6). O diálogo é curto e Felisberta apenas ri, fazendo piada com Juvenal:

Depois de seis dias, que lhe pareceram uma eternidade, regressou à querência. E muito embora o pito que o patrão lhe passou, foi direto à cozinha e disse à Felisberta, de peito estufado como um pombo:

Berta, deixei de ser simples piá: agora sou gaúcho macanudo. - E dando costas à cozinha, saiu todo guenzo.

A Felisberta deu sua risada barulhenta e troçou:

Gaúcho macanudo... rengueando que nem cusco lastimado. (CACIQUE, nº 3, jun. 1954 p.6)

Em mais uma de suas aventuras, dessa vez, na edição de agosto de 1954, o menino deve capturar um cachorro que rouba um pedaço de carne da cozinha. Entretanto, Juvenal acaba se afeiçoando ao animal e o adota. Aqui, a descrição de Felisberta a limita como alguém raivosa:

Certa manhã, quando Juvenal estava rasqueteado, ouviu uma rebordosa infernal da cozinha. Julgando que Felisberta estivesse em apuros, correu em seu auxílio. Com uma acha de lenha na mão, a negra bravejava e escumava de raiva. (CACIQUE, nº 5, jun. 1954 p.18)

Ilustração 14 - Revista Infantil Cacique - Piá da Instância



FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Apesar de "Piá da instância" aparecer na edição de julho de 1954, Felisberta já não é mais mencionada. Na literatura brasileira, a representação da população negra parece sempre ter sido relatada a partir de um olhar escravocrata. Podemos refletir sobre essas representações também na obra *“Reinações de narizinho”* (1931) de Monteiro Lobato, referência daquela geração de 1950 como uma literatura especialmente escrita para a infância e juventude. No primeiro parágrafo do livro introdutório da série infanto juvenil de Lobato, tem-se a apresentação das personagens protagonistas das histórias:

Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, de cestinha de costura ao colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando: - Que tristeza viver assim tão sozinha neste deserto... Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas – Lúcia, a menina do nariz arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer bolinhos de polvilho bem gostosos. Na casa ainda existem duas pessoas – tia Nastácia, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e Emília, uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sobranceiras tão lá em cima que é ver uma bruxa. Apesar disso, Narizinho gosta muito dela. (LOBATO, 2005, p. 7)

Como se vê, no trecho acima, o narrador nos apresenta as personagens do livro: Lúcia, a protagonista, e sua relação afetiva com a avó, Dona Benta. Nesse trecho também são apresentadas Emília e Nastácia. É interessante que, ao analisarmos, é possível perceber que as funções de Emília e Nastácia giram em torno das duas primeiras: Lúcia e Dona Benta.

Nastácia é descrita como *negra de estimação*: negra liberta, mas que segue nas mesmas ocupações, como *cuidar de Lúcia desde pequena*. Sua descrição denuncia a visão sobre sua cor de pele, mas, principalmente, sobre sua ocupação na narrativa: antes de ser sujeito, Nastácia é uma função. Embora desfrute da afetividade, da estimação da família branca que a emprega, Nastácia encontra, assim como Felisberta, o espaço da cozinha como símbolo de confinamento.

Falar da mulher negra e do seu corpo é encontrar marcas históricas que ainda perpetuam nos dias de hoje, visto que estamos inseridos numa sociedade estruturada pelo racismo. Se para Beauvoir a mulher é o Outro, para Grada Kilomba a mulher negra é o Outro do Outro. Por não serem nem homens, nem mulheres brancas, a posição da mulher negra é muito confusa e complexa na sociedade. Grada afirma que:

Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. [...] Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro. (Grada Kilomba, 2008, p. 124)

Para Kilomba, a mulher é sempre vista num lugar de subordinação. Podemos perceber isso ao acompanhar Felisberta: relegada à cozinha, seu papel é secundário em relação aos homens em “Piá da instância”: não é nem mulher branca, nem homem.

Falar em gênero é falar sobre as diferenças entre homens e mulheres, mas também, sobre as diferenças entre mulheres brancas e mulheres negras. E por que falar em raça? Porque raça e gênero são eixos estruturantes de desigualdades.

Muitas vezes relegada a um espaço secundário, representada em personagens coadjuvantes, a exibição da mulher negra, em grande parte das produções literárias brasileiras, passa por diversos estereótipos. Luís França nos apresenta alguns estereótipos associados aos negros:

Alguns exemplos: quem não se lembra dos versos de Manuel Bandeira, “Irene preta, Irene boa, Irene sempre de bom humor”? Ou da mulata assanhada, que nunca é mulher diurna, só noturna; nunca é espírito, só carne; nunca é família ou trabalho, só prazer? (...) Estes e tantos outros fantasmas emergem de nosso passado escravista para ainda hoje habitarem o imaginário social brasileiro, onde fazem companhia a figurações como a do “bom senhor” ou do “bom patrão”; do “escravo contente” ou do seu oposto, o marginal sanguinário e psicopata, naturalmente voltado para o crime. Estas e tantas outras deturpações da identidade afro-brasileira inscrevem-se em nossas letras, tanto quanto no filme, na TV ou nos programas popularescos que se espalham pelas ondas do rádio. São estereótipos sociais largamente difundidos e assumidos inclusive entre suas vítimas, estereótipos que funcionam como poderosos elementos de manutenção da desigualdade.

(Eduardo de Assis Duarte, *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. 2008, p. 19)

Podemos perceber que, nas revistas analisadas no ano de 1954, figuras negras são sub-representadas. Há diversos mecanismos de inviabilização. Comparada com mulheres brancas, mulheres negras são ainda menos representadas em comparação com figuras masculinas, sendo, assim, o Outro do Outro. Entretanto, também experienciam, assim como mulheres brancas, estereótipos de gênero, uma vez que gênero também atravessa a raça.

Hipersexualizada ou servil, tal representação aparece vinculada a uma gama de preconceitos, seja naturalizando características negativas ao ser negro, ou pela sua completa ausência. A sexualização e objetificação da mulher negra é um dos estereótipos mais comuns. Podemos ver isso em Felisberta, que é descrita como alguém que “*conhecesse os homens só com o olhar*”, ou em Nastácia, “*negra de estimação*.”

4.1 (RE)PENSANDO A REPRESENTAÇÃO FEMININA: UM COMPARATIVO ENTRE OS ANOS DE 1954 E 1963

No ano e mês do término da *Revista Infantil Cacique*, janeiro de 1963, alguns anos se passaram desde 1954, quando foi lançada. Mesmo em sua última edição, a *Cacique* contou com poucas representações femininas. Todavia, apenas uma é associada à maternidade. As

demais figuras, uma bruxa e uma menina se divertindo ao lado de um menino, têm seções específicas com histórias significativas. As diferenças ao longo desses 9 anos de publicações não se restringem apenas às representações femininas. Em termos gráficos, a última *Revista* vem muito mais colorida do que as anteriores e conta com fotos também, enquanto as imagens das edições anteriores eram desenhadas.

É possível perceber novas perspectivas sobre o olhar para o feminino, mesmo que pequenas, através de AYESHA, que é a primeira representação feminina de uma "mulher forte" na *Cacique*, em 1963. Neste caso, a personagem não está relacionada à maternidade ou a afazeres domésticos, mas está relacionada ao amor. A narrativa se dá graficamente em uma história em quadrinhos que narra a história de uma bruxa que está à espera de um homem chamado Kallikrates. Entretanto, quem aparece não é Kallikrates, e sim Leu Vincey - um antepassado. Ayesha fica feliz mesmo assim, pois talvez o que lhe interessasse fosse ter um homem que a proteja e auxilie: “Sou Leu Vincey. Um antepassado meu, sim, chamava-se Kallikrates. Kalykrates. Não importa. Agora, chegaste. Ficaremos para sempre juntos e nossa grandeza, como o trovão, rolará através da poeira dos dias infinitos”. (CACIQUE, 1963, n° 119, p.12)

Ilustração 15 - Revista Infantil Cacique - AYESHA



FONTE: Revista Infantil Cacique (1963)

Ayesha tem feições mais parecidas com mulheres reais e utiliza roupas e acessórios imponentes (vestidos longos, coroa, pulseiras). É a personagem principal e é ela quem comanda e decide o que os outros personagens (homens) devem fazer: “Esperem-nos aqui.

Nesta época do ano, um raio de sol atinge o rochedo. Devemos esperar o momento propício. Coloquem a tábua, depressa! Temos de atravessar enquanto há luz.” (CACIQUE, 1963, nº 119 p.14)

É Ayesha quem orienta os homens, que ela chama de estrangeiros, a entrarem numa passagem dentro de um rochedo. Para isso, é preciso que passem por um penhasco sobre uma tábua de madeira. Após passarem, a tábua cai e todos ficam sem opção para voltar. Ayesha não demonstra medo ou hesitação. A história termina com todos dentro do rochedo. Após solicitar que os homens acendam as lâmpadas, AYESHA explica que fora ali onde nascera e que estava à espera de Leu: “Agora, podem acender as lâmpadas. Aqui eu entrei nas chamas, há dois mil anos...e prolonguei a minha vida para te esperar, Léu.” (CACIQUE, 1963, nº 119, p.15)

A segunda presença feminina não atrelada a afazeres domésticos ou a maternidade acontece em “Torres”, seção da *Cacique* que conta a história de uma menina e um menino que visitam, pela primeira vez, a praia de Torres. A história, embora curta, mescla curiosidades sobre o lugar e a experiência das crianças ao conhecerem o local: “As crianças saíram de Porto Alegre, passaram por Gravataí, Santo Antônio da Patrulha e Osório, avistando, enfim, as elevações rochosas de Torres. - Que lindo! exclamou Tibica, ao ver o farol, o mar verde, e a ilha dos Lobos.” (CACIQUE, 1963, nº 119, p.26)

A menina aqui, chamada de Jussara, não se diverte tanto quanto Tibica, o menino, uma vez que o relembra de que no dia seguinte deveriam voltar para a cidade de Porto Alegre. Ela é mais responsável e parece não estar tão animada com a viagem:

Tibica, que não se cansava de admirar tudo que via, disse:

- Eu ainda quero ir à ilha dos Lóbos. Embarcarei numa canoa dos pescadores e plaft, plaft, irei remando até lá.

- Hoje não será mais possível. Está ficando tarde e tu sabes que amanhã devemos voltar a Pôrto Alegre. (CACIQUE, nº 119, jan. 1963 p.26)

Tanto “AYESHA” ou “Torres” tem mulheres/meninas como protagonistas. No entanto, não são histórias totalmente equivalentes em comparação às diversas histórias com representações de meninos se divertindo, se aventurando ou conhecendo novos lugares. As qualidades, como valentia, força e coragem - tidas como características masculinas - continuam ligadas aos homens.

As narrativas da *Cacique* nas edições analisadas nesse trabalho representam o pensamento da época em relação ao lugar onde se esperava que uma mulher estivesse: na cozinha ou então aos cuidados dos filhos. Essas narrativas se modificaram pouco em 1963 em

comparação ao ano de 1954: as aparições ligadas à maternidade ainda estão presentes, mas em menor número. Além disso, embora a *Cacique* tenha contado com duas seções com personagens principais sendo meninas/mulheres, uma delas é uma bruxa e a outra não se diverte tanto quanto o menino.

Assim sendo, não é possível afirmar que houve mudanças importantes nas representações femininas na *Cacique* ao longo dos 9 anos, entretanto, pode-se dizer que, mesmo pequenas, essas mudanças, de fato, aconteceram. As representações femininas em 1963 deixam, de certa forma, de possuir apenas dois caminhos: o da maternidade ou o dos afazeres domésticos e passam a se constituir como sujeitos com mais possibilidades como conhecer lugares novos, estar em posições de poder, etc, acompanhando as mudanças dos costumes na década de 1960.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Revista Infantil Cacique* teve sua primeira edição publicada em abril de 1954. Já a sua última publicação foi em janeiro de 1963. Este estudo foca-se em analisar, inicialmente, 6 revistas: 5 sendo do ano de 1954 e uma do ano de 1963. A análise dessas revistas é um estudo que busca nos textos e imagens da *Cacique* o pensamento social da época sobre o que é ser menina, adolescente e mulher realizando um comparativo do início da sua publicação e de seu término a fim de determinar se houve mudanças ou não nessas narrativas ao longo desses anos.

Das 5 revistas analisadas em 1954, há poucas representações femininas nas histórias, brincadeiras, atividades, quadrinhos e capas da *Cacique*. A grande maioria dessas poucas representações estão associadas à cozinha, à maternidade ou a outros afazeres domésticos, como, por exemplo, a compra, a venda de frutas ou a lavagem de roupas. Essas representações caem drasticamente quando estamos falando de outras atividades, como, por exemplo, estudar, brincar, se aventurar. Esse tipo de atividade é restrita apenas aos meninos e homens. Mesmo as mulheres ou meninas representadas ao lado das representações masculinas, as meninas não se divertem ou se aventuram tanto quanto os meninos: elas não são tão dinâmicas e divertidas, elas não estão sempre prontas para quebrar regras em detrimento de uma boa brincadeira. Na verdade, elas são representadas de forma deslocada: nunca inseridas, de fato, nas atividades e brincadeiras.

Mesmo na seção “Povos e culturas”, em que se escolhia um povo para trazer algumas curiosidades, presentes nas edições de 1954, há figuras femininas extremamente estereotipadas sobre o que se espera que mulheres de diferentes etnias sejam. Já na seção “Grandes vultos da humanidade”, que aparece em todas as edições do ano de 1954, consistia em apresentar uma figura que tenha contribuído, de alguma forma, para o bem da humanidade, apenas uma vez uma mulher foi escolhida, Madame Curie, conforme mostra a imagem a seguir:

Ilustração 16 - Revista Infantil Cacique - Grandes vultos da humanidade

CONCURSO

GRANDES
VULTOS
DA
HUMANIDADE

Dize o que MADAME CURIE fez de importante para a humanidade.

Envia tua resposta até 15 de setembro de 1954 para a Secretaria de Educação e Cultura — Rua Sacramento Leite, 55, 3.º andar — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Bases do Concurso:

1 — Exatidão na resposta.	7 — Escola que frequenta.	
2 — Língua clara.	8 — Classe.	
3 — Escrita do próprio punho.	Os trabalhos que satisfizerem as bases do Concurso, entrarão em sorteio e os respectivos autores farão jus a um livro do seu agrado.	
4 — Boa apresentação. (Legibilidade, ausência de rasuras, marginação, espaçamento)	Para isso, escreve junto de teu nome, o tipo de leitura que preferes ou o nome do livro que gostarias de receber.	
5 — Assinatura — (n o m e completo)		
6 — Idade.		

JULHO 1954

FONTE: Revista Infantil Cacique (1954)

Nas demais revistas, temas de análise do trabalho, a seção "Grandes vultos da humanidade" traz Gutenberg (n.1, 1954), Graham Bell (n.2, 1954), Pasteur (n.3, 1954) e Edson (n. 5, 1954). Na edição de janeiro de 1963, esta seção já não existe mais.

As meninas aparecem sempre em menor número: sempre acompanhadas de meninos, mas nunca se divertindo tanto ou igualmente como eles. Narrativas que definem papéis desiguais para meninos e meninas contribuem para violência de gênero. Sobre isso, discorre Fuentes e Co.l, (2008). "Visões estereotipadas e sexistas a respeito da mulher irão desempenhar importante papel na ocorrência de atitudes de abuso e violência."

É importante enfatizar que ao longo desses 9 anos entre a primeira edição e a última, as figuras femininas não foram representadas de forma equivalente às figuras masculinas. Além disso, os estereótipos de gênero não deixam de existir: eles são repaginados. Se nos anos de 1954 os estereótipos de gênero eram mais visíveis, em 1963 eles continuam a existir, porém de forma mais sutil. Não há ruptura. Pelo contrário, há continuidade, mesmo que de forma menos aparente.

Pode-se perceber que, apesar dos avanços no espaço privado e público, ainda hoje existem desigualdades e desequilíbrios entre o masculino e o feminino. Tais modos de "ser" estão presentes na *Cacique*, que personifica e naturaliza meninos e homens com comportamentos e representações diferentes em comparação às meninas e mulheres. Enquanto as mulheres estão associadas à maternidade ou aos afazeres domésticos, os homens estão associados às mais diversas atividades. Tais discursos presentes na *Cacique* refletem a forma de pensar da sociedade: a revista apenas traz valores que a própria sociedade dita. E

para quem se dirigia a *Cacique*? Para qual sociedade? Para uma sociedade mais conservadora e convencional, sem dúvidas. Se a *Revista* fosse mais emancipatória, as pessoas não aceitariam. Sendo assim, é necessário ressaltar que os discursos não são neutros: eles participam ativamente da construção de identidades e subjetividades.

Por meio do estudo realizado aqui, é importante ressaltar também que minha análise não esgota a pesquisa sobre gênero ou sobre qualquer outro tema na *Cacique*. Não se encerra aqui: há ainda muito o que pesquisar. Há, inclusive, outras possibilidades de leitura e análise, como noções de família, educação, raça, literatura, entre outros. Espero que as reflexões aqui trazidas contribuam, de alguma forma, para as discussões de e sobre paradigmas de gênero na comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981;
- BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929];
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Simone de Beauvoir; Tradução Sérgio Milliet. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016;
- BRASIL. [**Constituição** (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988;
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Diário Oficial da União, 1990;
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. - 15 ed - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017;
- CHARAUDEAU, Patrick. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. Entrepalavras, Fortaleza, v.7, p.571-591, jan./jun. 2017;
- CUNHA, M. A. A. . **Literatura Infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999;
- COSTA, M. V. **Prefácio: para além do bem e do mal**. In: ABREU, B. F. de; ALMEIDA, T. S. de; ROCHA, C. M. F. (Org.). **Mídia Impressa: para além do bem e do mal**. Jundiaí: Paco Editorial, 2012;
- DÍEZ, Beatriz. **5 enigmas de “As meninas” e Velázquez, o mais icônico quadro do Museu do Prado**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50472322> Acesso em: 15 jun. 2023;
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. 2008;
- DURAN, Maria Angeles. **A dona de casa: crítica política da economia doméstica**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983;
- FINCO, D. **Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões**. 2004. 18 p. Artigo Acadêmico (Desc.)-FAPESP, [S.l.], 2004;
- FORREST, N. P. R. **Gênero e relações de poder na Biblioteconomia: FCI e BCE: 1966;**

FUENTES, J. M. D.; LEIVA, P. G.; CASACO, I. C. **Violencia contra las mujeres en el ámbito doméstico: consecuencias sobre la salud psicosocial**. Anales de psicología, Murcia, v. 24 n. 1, p. 115- 120, jun. 2008;

KILOMBA, Grada. **Plantation memories: episodes of everyday racism**. Berlim: Unrast, 2008;

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Editora Globo, 2005;

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999;

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012. 100 p.;

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005;

PINSKY, Carla Bassanezi. **Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1964)**. Cadernos Pagu, n. 1, a 07. p. 111-148. 1997;

Revista Infantil Cacique. Rio Grande do Sul, v. 1, nº 1 abr. 1954;

Revista Infantil Cacique. Rio Grande do Sul, v. 2, nº 2 mai. 1954;

Revista Infantil Cacique. Rio Grande do Sul, v. 3, nº 3 jun. 1954;

Revista Infantil Cacique. Rio Grande do Sul, v. 4, nº 4 jul. 1954;

Revista Infantil Cacique. Rio Grande do Sul, v. 5, nº 5 ago. 1954;

Revista Infantil Cacique. Rio Grande do Sul, v. 119, nº 119 jan. 1963;

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013;

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, 1995;

TEIXEIRA, Anísio Spínola, 1900-1971. **Educação no Brasil**./ Anísio Spínola Teixeira. Apresentação de Anna Waleska P. C. Mendonça. 4. ed. - Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2011. (Col Teixeira ; v.8);

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**/Naomi Wolf; tradução - Waldéa Barcellos - 12 ed. - Rio de Janeiro; Rosa dos tempos, 2020;

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.